

pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

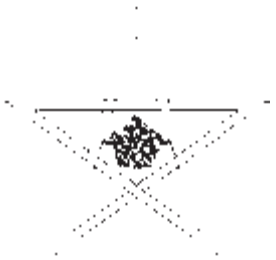
Z. W. Leene **As duas espadas**

salva nos, que perecemos!
Cinco considerações sobre a palavra

Simpósio **Todo movimento encontra repouso em Buda, o espírito do universo**

Frances A. Yates – **O iluminismo rosa cruz**

2013 | NÚMERO 1



Editor responsável
A.H. v. d. Brul

Linha editorial
P. Huis

Redatores
K. Bode, W. v.d. Brul, A. Gerrits,
H. v. Hooreweeghe, H.P. Knevel, F.
Spakman, A. Stokman-Griever, G. Uljée

Redação
Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira
Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas
Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R$ 80,00
Número avulso: R$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira
M.D.E. de Oliveira

Coordenação, tradução e revisão
J.C. de Lima, V.L. Kreher, L.M. Tuacek, U.B. Schmid, N. Soliz,
J.L.F. Ornelas, C. Gomes, M.B.P. Timóteo, M.M.R. Leite,
J.A. dos Reis, D. Fonseca, M.D.E. de Oliveira, M.R.M.
Moraes, M.L.B. da Mota, R.D. Luz, F. Luz, R.J. Araújo

Diagramação, capa e interior
D.B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.
O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.
A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 35 2013 número 1



A pintura de Rembrandt ***Tempestade no mar da Galileia*** está relacionada ao artigo desta edição que se inicia na página 20.
A pintura (159x127 cm), de 1633, foi roubada em 1990 do Museu Isabela Stewart Gardner em Boston, EUA. Desde então seu paradeiro é desconhecido.

Esta edição da revista **Pentagrama** tem, acima de tudo, a intenção de inspirar seus leitores com informações e artigos interessantes.
Este número em especial está focado na procura do primordial, do puro, do genuíno no ser humano, e em como isso pode transparecer e nos tocar em suas obras, sua poesia, sua arte e outras expressões.
Na Rosa-cruz moderna denominamos frequentemente essa energia pura como centelha de luz, centelha espiritual, átomo original. Vemos ao nosso redor que a própria vida, sob inúmeros aspectos, está ameaçada pelo maior perigo que há: a indiferença. Nada parece estar sadio, incorrupto ou não degradado, e, muitas vezes, percebemos a falta de verdadeira vida, de um ânimo autêntico, de uma vida interior real.
Convidamos nossos leitores a ir ao encontro do mundo e da sociedade com os olhos do coração e a sabedoria da cabeça para, em conjunto, mediante afeto, benevolência, compaixão e auxílio, aliviar o grande sofrimento desta época... com a tranquilidade que pode vir do interior, a tranquilidade de Buda, o espírito do universo, e da mansidão de Cristo "cujo jugo é suave e cujo fardo é leve".

as duas espadas 2
z.w. leene
a lenda das sete irmãs 4
a serpente cósmica e os homens-serpentes 8
j. murray
a queda 14
salva-nos, que perecemos! 20
pesado e considerado demasiado leve? 27
todo movimento encontra repouso em buda, o espírito do universo 30
impressões de um simpósio especial em renova
o iluminismo rosa-cruz 37
a fascinante história de uma ideia
frances a. yates - pequena biografia 44

as duas espadas

"A seguir Jesus lhes perguntou: Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos porventura alguma coisa? Nada, disseram eles. Então, lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma. Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido. Então lhe disseram: Senhor, eis aqui duas espadas. Respondeu-lhes: Basta!"

Lucas, 22:35-38

Aqui doze homens corajosos abandonam seu herói. Enquanto, durante anos, convivem com ele diariamente, nada compreendem dos seus propósitos.

O aspecto exterior da história da paixão apoia-se, assim, firmemente na nossa boa fé. Por isso o aluno da Rosacruz procura por uma nova luz para que a verdadeira fé, como certeza eterna, comece a viver em uma personalidade que cresce em harmonia, habitada pelo espírito divino.

"Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos porventura alguma coisa? Nada, disseram eles."

Os Evangelhos transmitem a história da missão dos doze. Os doze discípulos de Cristo são enviados, a título de experiência, para pregar o Evangelho e curar os doentes. Diversas forças manifestam-se nos discípulos, e elas deviam ser experimentadas na prática. E eles partiram, levando no coração a advertência: "De graça recebestes, de graça o dareis."

Eles saíram como verdadeiros servidores, e sua viagem era muito especial em relação às viagens de outras pessoas, para as quais é preciso grandes preparativos como carteira, bolsa e sapatos; para eles, primeiro vinha o reino de Deus – e todas as outras coisas viriam por si mesmas como consequências normais, lógicas. Não lhes faltava nada!

Mas durante essa viagem tudo ocorria sob o olhar do mestre. Por isso eles se sentiam fortes, executavam bem seu trabalho. As circunstâncias eram ideais! Mas viria o tempo em que tudo deveria ser feito, em que seria preciso dar conta das provas sem a situação ideal, sem a presença do mestre.

Primeiro eles recebiam de Cristo as forças necessárias. Depois seria comprovado se eles mesmos haviam desenvolvido essas forças como propriedade pessoal. Quando a palavra da Escritura, "a necessidade oculta", se cumpre na vida do aluno, "ele é contado entre os malfeitores"; quando vem a época de noite negra e de crise grave, é preciso provar que se está de posse de algo pessoal, algo próprio que possa oferecer resistência à tempestade. Então. é preciso que exista um alforje, sandálias e bolsa como armadura. E que exista uma espada como energia dinâmica, como um impulso potente. E os que não têm espada vendem sua vestimenta para conseguir uma espada. O mundo precisa da ação na hora da treva, de força espiritual, sem tomar outros como apoio. Nosso desenvolvimento com o mestre chega ao fim. Ele se vai para dirigir nossa evolução de outra maneira.

E eles dizem: "Senhor, eis aqui duas espadas". Os discípulos estão de posse de duas espadas. A primeira espada é a brilhante arma solar dourada do conhecimento revelado por Cristo. A segunda espada é a arma da fertilidade mística, a força do Espírito Santo.

E eles mesmos, como portadores das duas espadas, são as centelhas divinas do pai.

Uma vez que estão providos dessa forma, ressoa para eles a resposta do mestre: É o suficiente – e, então, eles podem acompanhá-lo ao Monte das

Z.W. Leene (1892–1938) foi a força impulsionadora da primeira fase da Escola Espiritual. Era uma pessoa predestinada a dar forma a uma grande obra. Na primavera de 1924, imbuído de sua própria vivência cristã e estimulado pelo Professor De Hartog, e com o irmão Jan (J. van Rijckenborgh), ele entrou em contato com o trabalho dos rosa-cruzes na forma estabelecida por Max Heindel, nele encontrando a profundidade e o objetivo que estava procurando havia 30 anos! Foi também graças à sua inspiração e força espiritual que, em 1930, Catharose de Petri decidiu unir-se à obra e fortalecê-la. Dessa flamejante energia inicial surgiu então, em 1946, o Lectorium Rosicrucianum.





Oliveiras onde vai ter início a grande oferenda da disposição para servir até a morte. Talvez tenhamos inicialmente pensado que essa grande oferenda pudesse fracassar por causa da insensibilidade dos discípulos, pela absoluta inadequação desse grupo escolhido; como discípulos de um ensinamento interior, quando tiver irrompido a grande hora da treva, reconheceremos que o mestre está lá, cercado pelos doze, cada qual equipado com duas espadas como símbolo das forças conquistadas por meio dele. Eis o que esta história nos transmite em síntese.

Se você quer se tornar um discípulo, um verdadeiro aluno, então conquiste as duas espadas. O mundo não precisa de espadas, não da caricatura sangrenta que a humanidade fez delas, mas das duas espadas ígneas, cruzadas como a cruz clássica, plantada na terra. Somente com essa cruz nas mãos as rosas poderão desabrochar ✪

a lenda das **sete irmãs**

Vários mitos aborígenes transmitidos oralmente tratam de temas universais. Eles não apenas coincidem uns com os outros, no que se refere à intenção e ao fio condutor, como também se assemelham a mitos da Índia, Grécia, China, América Central e do Egito. O contínuo passado do macrocosmo desempenha um papel importante – chamado pelos aborígenes de "tempo dos sonhos" – como também o presente macrocósmico, que ressoa, entre outros, no mito sobre as sete irmãs. O bom "poder da serpente", alimentada pela energia da criação original, em sua visão, é indispensável para a subsistência da criação.

J. Murray

AS PLÊIADES E ÓRION Por mais de 60.000 anos, diversas civilizações caminharam pela Austrália, sob o céu australiano. Levavam consigo mitos e lendas que, em muitos aspectos, coincidem com os de outros povos. Uma história pode ser considerada um mito quando é transmitida oralmente e esboça um caminho para o desenvolvimento interior, sem qualquer preocupação de que este seja reconhecido conscientemente ou não.
É da Grécia Antiga a famosa história das plêiades, cujo pai era o titã Atlas, e a mãe, a ninfa do mar Pleione, a "rainha navegante". Quando Atlas teve de sustentar o mundo sobre seus ombros, Órion partiu em busca das sete irmãs, fazendo-lhes a corte. Ardendo de desejo, ele perseguiu as plêiades durante cinco anos pelos bosques da Trácia e por florestas ainda mais antigas, até despertar a compaixão de Zeus. Para tranquilizar Atlas, Zeus transformou as irmãs, as plêiades, primeiro em pombas e depois, colocou-as, com Órion, numa constelação de estrelas fixas. Conta-se que Órion ainda as persegue pelo céu.

Órion é caçador e simboliza o ser humano elevado, cheio de saudade e expectativa, à procura das sete energias celestiais, dos sete mundos, dos quais fará parte, se a caçada for bem sucedida. No grupo das plêiades, apenas seis estrelas são vistas claramente. De acordo com a mitologia grega, a sétima estrela, Mérope, tem um brilho fraco porque, devido a um caso de amor com um mortal, está eternamente envergonhada.

No Japão, as Plêiades são conhecidas pelo nome "Subaru" - que vemos na marca de automóveis em cujo logo se destacam seis estrelas.
Algumas tribos de índios norte-americanos acreditam que são descendentes das Plêiades. A mitologia da tribo indígena Cree relata que ela veio das sete estrelas à terra, inicialmente em forma espiritual, para depois transformar-se, cada vez mais, em "carne e sangue". A antiga cultura Monte Alto, da América Central, conhecia a constelação pelo nome de "as sete irmãs", e acreditava que ali estava a sua origem.
Causa admiração que se atribua um papel tão importante a um grupo tão pequeno, e aparentemente fraco, de estrelas e que ele esteja presente na mitologia de tantos povos diferentes, praticamente no mesmo contexto.

TJUKURPA Um dos numerosos mitos sobre as sete irmãs é a história da criação registrada no secretíssimo Tjukurpa, o tempo dos sonhos dos anangus, como os aborígenes se autodenominam:

MITOS DOS ABORÍGENES COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO ESPIRITUAL

"No início dos tempos da Terra, o criador, Jindu-o-Sol, enviou dois seres espirituais para dar forma à Terra. Eles vieram de um lugar da Via Láctea e fizeram os montes, vales, mares e oceanos. Quando seu trabalho estava quase pronto, Jindu-o-Criador enviou sete irmãs, estrelas da Via Láctea, para a Terra, a fim de embelezá-la com flores, árvores, pássaros, animais e outras coisas. Elas estavam justamente ocupadas em criar as formigas-pote-de-mel quando ficaram com sede. E disseram à irmã mais jovem: "Vá buscar água fresca para nós. Suba aquele monte ali, vá naquela direção". A irmã mais jovem pegou a cuia e foi procurar água. Os dois seres espirituais estavam na selva e observavam as mulheres. Eles seguiram a irmã mais nova quando ela saiu à procura de água. Ela apaixonou-se pelos dois homens. As outras seis irmãs começaram a procurar a mais jovem, porque fazia tempo que ela partira. E perguntavam umas às outras onde ela poderia estar, pois estavam realmente com muita sede e precisavam de água. Depois de algum tempo, encontraram a mais nova com os dois seres espirituais. O criador, Jindu-o-Sol, avisou-lhes que, devido ao ocorrido, a irmã mais jovem já não poderia voltar para o seu lugar na Via Láctea. Os dois homens e a irmã mais jovem permaneceriam aqui na Terra. Contudo, o chamado de suas irmãs lá



J.Angunguma. Figura de um espírito, 1997

As seis irmãs chamam a sétima, a mais jovem, sem cessar



do céu sempre tocava interiormente a mais nova. As seis irmãs continuam à espera de uma oportunidade para salvá-la das garras dos seres espirituais ligados à Terra, para que pudessem voltar a brilhar na Via Láctea como as sete irmãs."

Existe outro mito aborígene das sete irmãs com um final mais claro, no qual a irmã mais jovem é aprisionada pelo grande caçador Wurrunna, que a toma para sua mulher. Seguindo o chamado das seis irmãs, ela finalmente consegue escapar, subindo numa árvore, cujos galhos imediatamente a carregam para cima, de volta à sua pátria celestial, unida de novo às suas irmãs. Wurrunna, decepcionado com a vida que levava, compreende simultaneamente a verdadeira natureza das sete irmãs e deseja estar junto delas. Ele dá um grande salto para o alto, até o céu, onde ainda hoje acompanha a plêiade das sete irmãs pelo céu estrelado, como constelação de Órion.

Em todos esses mitos, ou nas versões diferentes de determinado mito, o essencial não é tanto seu simbolismo constante e unânime, simples de desvendar. O importante é que o alento universal expresso no mito ressoe na humanidade. Porque, além do fato de numerosos mitos e lendas do passado encontrarem paralelos nos movimentos religiosos e espirituais atuais, eles também contêm aspectos humanos de um ardente impulso por perfeição e também o desejo primordial de reunificação com a fonte, da reunificação do elemento imortal com sua origem.

No contexto do mito das sete irmãs, podemos nos perguntar: por que a irmã mais jovem deseja tanto a reunificação com suas irmãs? E como pode ser satisfeito o anelo humano por valores mais elevados? A mais nova recebe de suas irmãs a incumbência de buscar água, mas cai na armadilha de dois seres espirituais (terrestres), que deturparam sua missão original por causa das forças de atração e repulsão da natureza terrena. Enquanto a sétima irmã está atada às forças da natureza terrena, o chamado das irmãs toca-a no seu imo, até que ela, finalmente, encontra o caminho de retorno. E esse caminho traz consigo uma nova figura espiritual e uma consciência microcósmica que se amplia até o céu estrelado. Como os elevados sete raios regeneradores da vida original e pura, as sete irmãs são onipresentes.



Estas yawk-yawks (esculturas de madeira de modernos artistas aborígenes) representam moças que, durante o tempo dos sonhos, moravam nos lagos de águas doces em Arnhemland. Quando eram ameaçadas pelo gigante Luma-Luma, mergulhavam, transformando-se em sereias.

A sétima irmã, a mais jovem, mora no ser humano como uma voz divina, e vive no microcosmo com a voz da humanidade, o caçador. No momento certo, o caçador reconhece quem é sua verdadeira presa na caçada e pode dar ouvidos à voz divina. Daí em diante, as sete irmãs alimentam a esperança de se unir novamente.
A verdadeira convalescença do microcosmo somente começa quando a voz sublime pode produzir ressonância em todo o microcosmo, e quando o caçador segue, então, essa voz. As seis irmãs chamam a sétima, a mais nova, sem cessar. No entanto, apenas quando preenche as condições necessárias o microcosmo pode ouvir e vibrar em uníssono com esse chamado. Começa, então, o retorno ao seu legítimo lugar e ao mesmo tempo a reconstrução do ser celestial.

No toque do primeiro raio do campo sétuplo de radiação universal, o microcosmo pode iniciar sua viagem de volta ao lar.

Agora que ele "reconhece" suas irmãs, as sete energias do início primevo penetram o microcosmo inteiro e, passo a passo, ele percorre o caminho para casa.

Qual é, pois, a condição para dar ouvidos ao primeiro raio? Objetividade e muita experiência. Vemos isso no caçador mítico Wurrunna, um homem cansado das confusões e turbulências do mundo, que lhe mostram sempre de novo que o alvo de seus disparos termina por revelar-se outra coisa, e não o que ele caçava. Um espaço repleto de tranquilidade, objetividade e aspiração é o que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea quer oferecer. Nesse espaço, o caçador pode obter "armas" melhores, um instrumentário interior capaz de sintonizar-se com o campo sétuplo de radiação.
É também um lugar no qual Wurrunna, o caçador, pode ouvir nitidamente, e sem interferências, o chamado estimulante da irmã mais nova, e pode reconhecê-lo interiormente e a ele reagir ✪

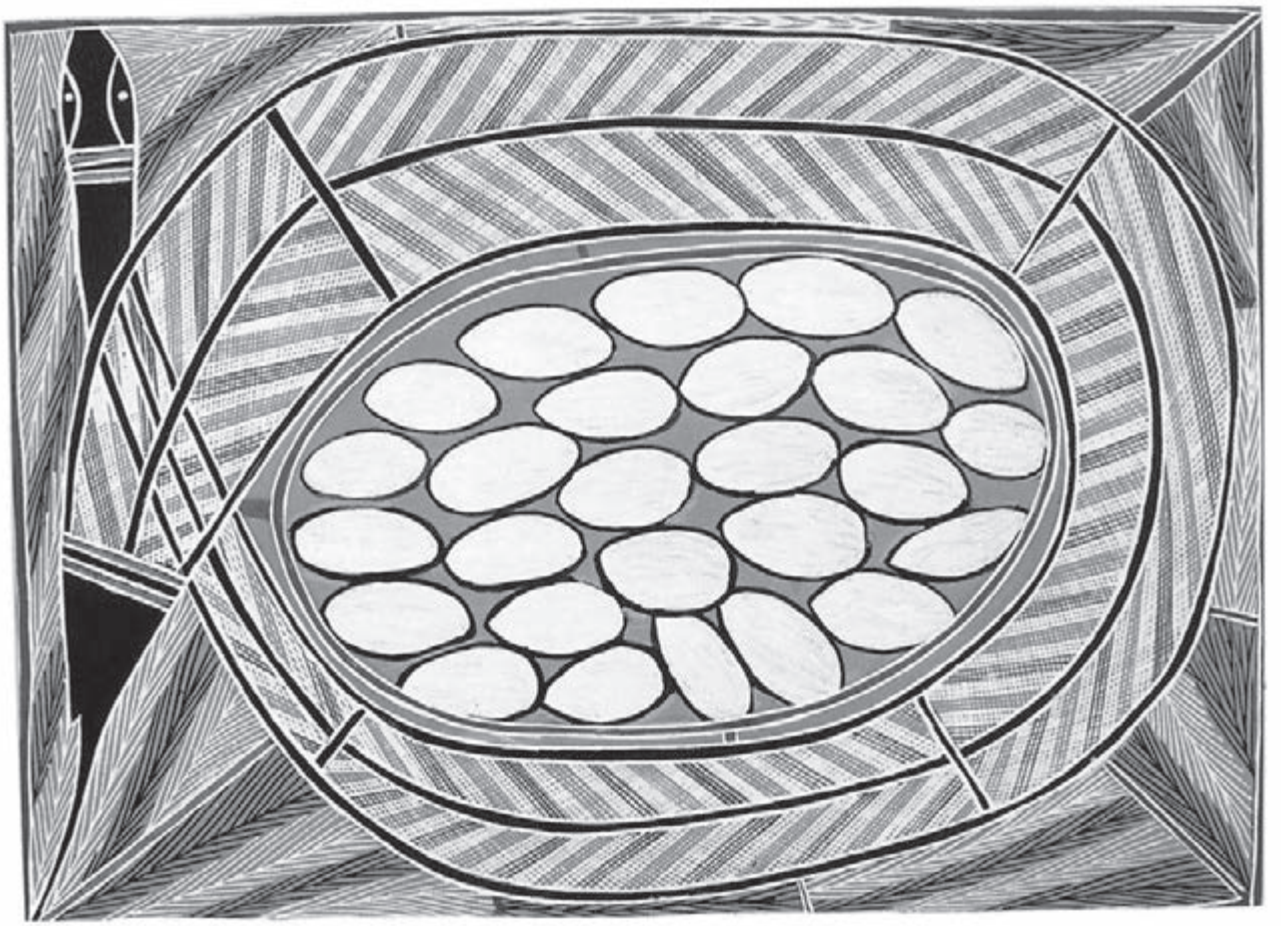
a **serpente cósmica** e os homens-serpentes

Os seres humanos parecem ter uma crença inata numa força imutável ou em forças que estão acima do tempo; em um "deus", ou "deuses" e "espíritos", que criaram o mundo e a humanidade. Por essa razão, pessoas sensíveis estão sempre empenhadas em conectar-se, de certa maneira, com o ser mais elevado, seja por meio de uma busca espiritual consciente, seja devido ao anelo inato pela perfeição, para, finalmente, conquistar a capacidade humana original.

O desenvolvimento das diferentes religiões e movimentos humanistas através dos tempos permite que se reconheça tal afirmação. Os homens familiarizam-se com numerosos movimentos religiosos e espirituais, aprofundando-se no estudo de seus escritos, símbolos e rituais. Percebemos que os mitos e lendas que acompanham esses desenvolvimentos apresentam, em muitos casos, uma concordância notável e um fio condutor que corresponde ao impulso inato para alcançar a perfeição, para uma reunificação do elemento imortal com sua origem.

Nos antigos mitos, é frequente encontrarmos figuras de serpentes num sentido cósmico. Nos primeiros séculos da nossa era, os ophitas atribuíram à serpente um significado especial. A palavra "ophita" é derivada da palavra grega *ophis*, que significa serpente.
Eles acreditavam que a serpente cósmica estabelecia uma ligação entre o Pai-Criador, de um lado, e a matéria, de outro. O pai é imóvel, porém a matéria modifica-se continuamente: ela é perecível.
A matéria é o mundo fora do Paraíso, do qual o homem foi banido.
A serpente é transcendente, símbolo do Logos, do filho de Deus, e movimenta-se sem cessar: a criação eterna. O filho acolhe as ideias do pai sobre o objetivo da criação e preenche com elas tudo que é imanente, penetrando no mundo da matéria ainda sem forma. "Sem forma" significa, neste contexto, que não foi formado de acordo com a matriz, com a ideia do Pai-Criador. Vista por esse prisma, a serpente é um ser duplo: ligada ao Pai, ela é eterna, o bem absoluto, mas, em contato com este mundo, também serve às suas forças.
Os homens formados pela ideia original do Pai-Criador podem aproximar-se dele cada vez mais, tendo a serpente como guia. É por essa razão que os ophitas representavam essa serpente mordendo a própria cauda, branca em cima, negra embaixo. Na mitologia grega, ela é o ouroboros, a serpente que abrange toda a criação. Ela tornou-se o símbolo da força criadora, da fertilidade e da regeneração. Observamos essa regeneração na troca regular de pele da serpente. Literalmente, ela está sempre "renascendo". E foi assim que a serpente, ao mesmo tempo, tornou-se a representação da medicina na Grécia. No Ocidente também conhecemos o bastão de Esculápio, com a serpente enrolada, que é símbolo da medicina.
A cultura cristã geralmente vê a serpente como personificação do mal. No Gênesis, a serpente causou a expulsão do primeiro homem do Paraíso. No Apocalipse (20:3) lemos que a serpente é lançada no abismo. Isso fez que na crença popular a serpente, Satanás, fosse considerada inimiga e personificação do diabo. Muitos aspectos do mal são associados a esse animal rastejante e sibilante: a mordida venenosa, o réptil que rapidamente desaparece e se esconde. Porém, há passagens positivas na Bíblia sobre as serpentes.

J. Murray



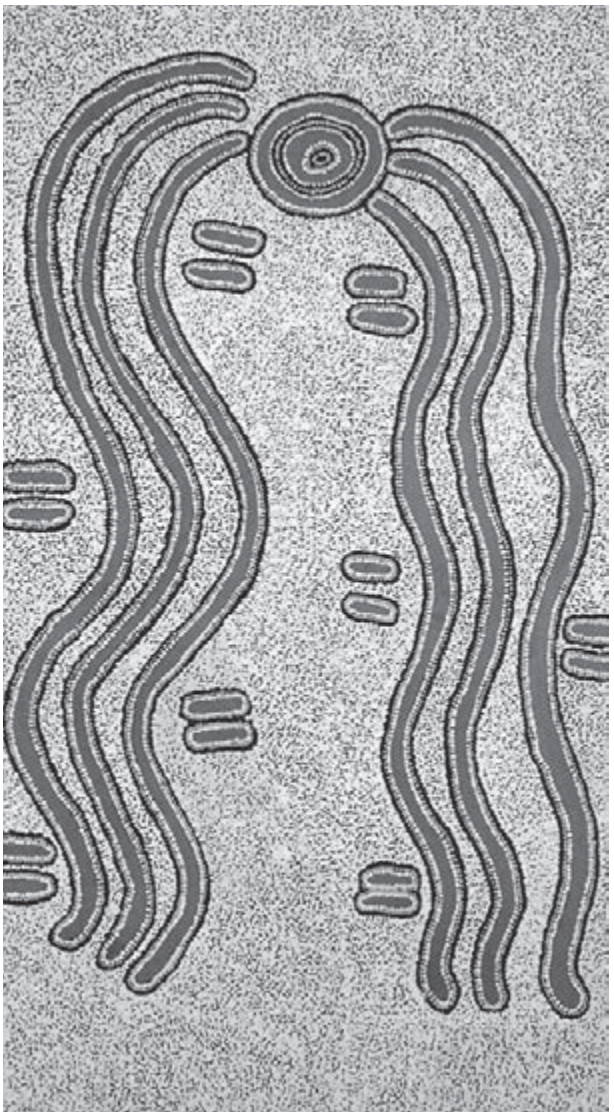
G. Milpurrurru. Píton do nariz preto com ovos, 1997

Por exemplo, Mateus (10:16): "...sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas". Existe ainda, em Números (21:9), um trecho que nos fala de serpentes venenosas e de uma boa serpente: "Fez Moisés uma serpente de bronze, e a pôs sobre uma haste; sendo alguém mordido por alguma serpente, se olhava para a serpente de bronze, sarava". A última versão da serpente má não é bíblica; encontramo-la nos livros sobre Harry Potter, onde o basilisco e Nagini simbolizam o mal.

As serpentes dos mitos anangus têm sua aparição ligada ao surgimento de rios, lagos e outros elementos da paisagem

O mito da serpente cósmica também era conhecido na Índia e no Egito, com mais ou menos o mesmo conteúdo. Há certa coincidência no que se refere a esses antigos mitos da Índia, da Grécia e do Egito. Eles provêm de culturas que existiram milhares de anos antes da nossa era.
Mencionamos alguns exemplos em que a serpente surge com características positivas. Mas há muito mais, e todos os aspectos apresentam a mesma imagem: a serpente é, sobretudo, o símbolo do bem, da regeneração, da medicina, da própria vida. Ao mesmo tempo, ela também ressurge novamente como encarnação do mal. Dos mitos aborígenes podem ser tiradas conclusões inequívocas: as características das serpentes coincidem em vários mitos. Estudos etnológicos mostraram que muitas tribos australianas conhecem mitos com figuras de serpentes, tratando-se de seres espirituais sob a forma de grandes serpentes. Essas serpentes têm sua aparição ligada ao surgimento de rios, lagos e outros elementos da paisagem, como é descrito em *O Caçador de Sonhos (Tjukurpa)*. Aqui também chama a atenção o fato de essas serpentes geralmente possuírem boas qualidades. Elas proporcionam fertilidade para o homem e a natureza, curam enfermos, protegem fontes e águas e salvam quem está se afogando. Serpentes com más qualidades causam doenças, catástrofes e a morte. São características que nos fornecem uma visão única do fundo espiritual dos mitos aborígenes. Como ponto de partida, tomaremos o mito sobre a guerra entre os kunia-pítons (homens-serpentes) e as venenosas serpentes Liru, travada no Uluru - os rochedos australianos Ayers Rock – e em suas imediações.
Há muito tempo, na era da criação, os homens-serpentes (kunias), que eram pítons com manchas e sem veneno, partiram de um lago no leste e chegaram a uma grande duna aplainada, no centro da qual havia uma fonte. Uma das mulheres kunia carregava seus ovos na cabeça e enterrou-os na terra, no limite oriental de Uluru. Os kunias montaram ali seu acampamento e viveram bem por algum tempo. As mulheres encontravam suficiente alimento todos os dias, e os homens, depois de caçar cangurus, emus e wallabies, gostavam de descansar ao entardecer, nessa margem da duna.

Contudo, a paz do povo kunia na região do Uluru não durou muito tempo. Certo número de serpentes liru, venenosas, cruzava a terra dos Pitjantjatjara, causando muitos problemas. Lideradas pelo grande guerreiro Kulikudjeri, um grande grupo mudou-se do Katatjuta, o Monte Olga, no Ocidente, para o Uluru. E foi assim que chegaram ao acampamento de Pulari, uma poderosa kunia. Pulari havia se afastado de seu povo e acabava de dar à luz. Furiosa, desesperada e protegendo seu filho, ela atirou-se sobre os lirus, com a criança nos braços, expelindo sobre eles arukwita, a essência da enfermidade e da morte. Muitos lirus morreram, mas os demais resistiram ao seu ataque.



Topsy Ross Nagala. Ngapa, Água de sonhos, 1999

Um jovem guerreiro dos homens-serpentes desafiou Kulikudjeri a uma luta de vida ou morte. Este acabou ferindo o homem-serpente, após uma luta feroz, de modo que o kunia rastejou pela duna e morreu. Em seguida, a kunia Ingridi, mãe do guerreiro morto, ficou tão enfurecida que, munida de uma pá, desferiu um forte golpe no nariz de Kulikudjeri. A kunia Ingridi estava de luto pela perda do filho. Ela adornou seu corpo com ocres vermelhos e, à noite, cantou cantos fúnebres. Enquanto isso, kunias e lirus travaram uma grande batalha sobre a colina, perto da fonte. Os lirus apunhalaram vários kunias, deixaram a região como vencedores e voltaram para Katatjuta. A kunia Ingridi, porém, a grande e colorida mãe-píton, estava desesperada. Em sua amargura, cantou arukwita, a canção da doença e da morte, matando a si mesma e aos homens-serpentes que restavam.
Os rastros do kunia mortalmente ferido, porém, transformaram-se numa torrente de água. Ela inundou a área onde atualmente encontram-se três fontes formadas pela água em que foi transformado o sangue do homem-serpente morto. No final do tempo dos sonhos, quando a grande duna transformou-se em pedra, esses acontecimentos épicos também se cristalizaram e, por assim dizer, ficaram gravados na formação rochosa Uluru.
Para nós, não é fácil estabelecer a relação entre a força do pai e o totem dos antepassados, como também dos próprios antepassados entre si. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que os mitos são parte integrante das culturas tribais e do seu meio ambiente. Se investigarmos mais a fundo o mito dos anangus sobre os kunia, ou homens-serpentes, com base no significado universal da serpente e do ovo, verificaremos que ele nos revela um desenvolvimento espiritual fascinante.

O ovo ou os ovos representam um aspecto estranho no mito sobre os kunia. Cremos que esse detalhe, bem como o tipo da "serpente" é muito significativo nesse mito. Isso porque os homens-pítons são os únicos que permanecem junto a seus ovos, mantendo-os aquecidos e vigiando-os até a maturidade.

Assim como a serpente, o ovo é um antiquíssimo símbolo universal devido à sua forma, e também pelo fato de que dentro dele se desenvolve um embrião, aparentemente sem auxílio externo.
Nos mitos da literatura mundial deparamo-nos frequentemente com essa combinação. Em

um mito indiano, por exemplo, a Terra é caracterizada como rainha das serpentes, como "mãe de tudo que vive", Sarparajni, porque antes da criação do planeta, uma "longa linha de substância cósmica serpenteava sobre o caos, para depois transformar-se numa esfera, num ovo". Um mito egípcio narra sobre um "ovo dos mundos", para o qual rasteja uma serpente desenrolada, boa e perfeita, Sjai, a fim de protegê-lo.

Em outro mito da Índia, Brahma surge sobre um cisne de ouro. Este cisne, Kalahansa, põe um ovo de ouro no caos, no início de cada período da criação, do qual surge todo o universo com todas as suas criaturas. Segundo a tradição, o cosmo nasceu de um ovo. Assim, também a centelha divina se assemelha a um embrião, a um ovo, do qual sairá, um dia, o homem imortal. Essa centelha-do-Espírito é "imóvel", inacessível a todos os acontecimentos que ocorrem na vida material, em nosso mundo imperfeito. Na mitologia, as serpentes simbolizam o poder vital do cosmo e a sabedoria. Elas são "a longa linha de substância cósmica que serpenteia sobre o caos". Ao mesmo tempo, elas são "a serpente do arco-íris", a serpente dos ophitas, que representa a sabedoria, o filho de Deus.

Cristo também é um poder cósmico, espiritual, que reconduz à criação original. Dizia ele, pois, em João 8:23: "Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou". Nos velhos mitos, a serpente personifica também o poder atemporal, que estabelece a ligação entre duas criações. De forma analógica, consideramos Cristo não apenas como uma personalidade histórica e única que viveu há 2.000 anos, mas como uma energia radiante, resplandecente, que estabelece a ligação entre a criação original e o nosso mundo, durante toda a história da humanidade.

Como sabemos, para alguns muitas vezes o bom se transforma em desvantagem e, para outros, em mal. Então, vemos surgir, realmente, os lirus do mito, as serpentes venenosas. O ser humano é semelhante a uma serpente terrestre, às vezes bom, às vezes venenoso. A serpente celestial, contudo, está acima do bem e do mal deste mundo. Ela é sinônimo de sabedoria conectada à vida divina.
No transcurso de todas as experiências que fazemos neste mundo do bem e do mal, o coração – por mais fraco que seja – pode libertar-se de todos os sentimentos perecíveis. A força crística cósmica, que o coração recebe, pode então espelhar-se na cabeça, em nossa vida de pensamentos. Assim, estabelece-se, aos poucos, outra mentalidade, outro estilo de vida. O homem aprende a espelhar-se no bem absoluto, que se mostra a ele em seu coração. Ele alcança um estado neutro de benevolência em relação a tudo o que se apresenta em sua vida. E, por fim, ele vive na transitoriedade da matéria deste mundo, voltando-se, porém, cada vez mais, para seu próprio interior. Dessa maneira, ele constrói para si uma nova bússola interior. A alma, nascida do núcleo espiritual e ligada ao campo espiritual, passa então por um processo de desenvolvimento. O ovo, protegido e aquecido pela serpente, eclode, e uma nova consciência desperta e avista o horizonte de um mundo totalmente novo ✪

E T E R N O A N S E I O



E se você dormisse? E se no seu sono você sonhasse? E se, em seu sonho, no Paraíso, você colhesse uma linda e misteriosa flor? E se, ao despertar, você tivesse a flor entre suas mãos? Ah, e então?"

Samuel Taylor Coleridge

a **queda**

No seu livro *The Fall* (A Queda) o escritor inglês Steve Taylor faz uma análise psicocultural clara e penetrante da sociedade atual. Como ele procede? Ele vê nossa sociedade de hoje em primeiro plano, não como o apogeu de um processo evolutivo neodarwinista, mas como uma sociedade que se encontra num processo de queda persistente. Segundo ele, os homens dessa sociedade apresentam todos os sintomas de "seres caídos".

Ele enumera as características dessa sociedade comparando-as com o que os antropólogos denominam hoje de "sociedades antes da queda" (*pre-fall-societies*). No tempo pré-histórico reinou, segundo ele, uma convivência tranquila e relativa harmonia. Isso se deduz de observações do jeito de viver, dentre outros, de várias tribos de pigmeus na África, dos esquimós Cooper e Utke no norte do Canadá, da população original americana, como os indígenas Hopi e Pueblo, das tribos jivaro e yanomamis na América do Sul, dos kung e bosquímanos na África do Sul ou dos povos de Papua na Nova-Guiné, mas sobretudo dos anangus, dos aborígines da Austrália. Essas tribos formam, por assim dizer, a memória dos tempos pré-históricos.

"Os rituais, crenças e cosmologia dos aborígines poderiam muito bem encerrar as memórias mais profundas de nossa raça", diz Taylor citando o mitógrafo Robert Lawlor (escritor universal de mitos). Aqui ele não encontra, como no período neolítico, nenhum traço de posição ou diferença social, poder e guerra, pois esses homens vivem sem qualquer inclinação para posse, sem consciência de culpa e sem vergonha pessoal.

Os dados da geocronologia, da tecnologia genética, da antropologia e da arqueologia permitem-nos retroceder até o ano 300.000 a.C. O DNA de uma mitocôndria permitiu demonstrar que o *homo sapiens* se disseminou pelo mundo há 60.000 anos. Na Europa, por exemplo, o homem Neandertal foi suplantado pelo homem Cro-Magnon, do qual, por fim, somos descendentes.

As primeiras sociedades descritas por Lawlor, e também por Taylor, demonstram grande semelhança com os antigos mitos sobre a Idade de Ouro dos gregos, de Hesíodo e Platão, sobre os homens da virtude perfeita de Chuang Tsé e sobre o jardim do Éden bíblico. Estranhamente, Taylor situa a queda mítica como evento histórico aproximadamente 6.000 anos atrás.

Pesquisas modernas conseguem datar com precisão surpreendente enormes revoluções geológicas, como terremotos, soerguimento de montanhas, tsunamis e outros fenômenos, ao passo que as tradições remontam ao fim da era glacial, cerca 11.000 anos a.C. Há aproximadamente seis mil anos atrás, ou seja, 4.200 anos antes de Cristo, houve realmente um período de gigantescas inundações no Oriente Médio. As tradições sumérias e o Gênesis bíblico, entre outros, também mencionam essas catástrofes e com frequência relatam brevemente esses períodos de milhares de anos. Importantes migrações ocorreram no Oriente Médio e na Ásia central.

As brilhantes civilizações dos egípcios e dos sumérios, que surgiram em seguida, formaram com seu progresso técnico as primeiras manifestações dessa mudança de mentalidade coletiva. Em toda a Europa a população autóctone foi expulsa, primeiro pelos celtas e germanos, depois pelos romanos. Em outros lugares os assírios, persas e semitas conquistaram imensos

AS MAIS PROFUNDAS MEMÓRIAS DA RAÇA HUMANA



Gustav Klimt, Árvores frutíferas. 1901

territórios. Os últimos a desaparecer foram os micenianos de Creta, Malta e das ilhas britânicas. Simultaneamente, a par com o desenvolvimento explosivo do cérebro – o *brain-explosion* dos antropólogos –, produziu-se uma explosão doentia do ego, acompanhada de comportamentos patológicos variados, que causou o aumento dos sofrimentos psíquicos. Por isso Taylor não vê a evolução do ego como um desenvolvimento harmonioso, simplesmente porque ela é acompanhada de um sentimento de mal-estar e de sofrimento devido à cobiça, que se encontra na base da desigualdade social, da opressão e da exploração de minorias, da guerra e da violência. Toda forma de cultura e religião, nesse plano, representa apenas um substituto para a falta de verdadeira harmonia e equilíbrio interiores. Aqui parece que Taylor considera os fatores externos como primeiros responsáveis por esse desenvolvimento e que as mudanças de consciência são apenas a consequência.

EVOLUÇÃO DO EGO Para uma melhor compreensão, retomamos a imagem que ele esboça das culturas "antes da queda". O mundo ainda está pleno do sagrado e povoado por seres anímicos. Ele ainda não foi dessacralizado. Propriedade de todos, ele não pertence a ninguém em particular. "Os aborígines nunca desenvolveram o conceito de propriedade particular. Eles também não têm a necessidade de uma crença em um deus pessoal.



Yann Legrand, Árvore da vida. Água-tinta, 2011



Eles vêem a natureza inteira como impregnada de uma força espiritual universal, o grande espírito, ao qual dão os mais variados nomes, como *Mana* ou *Tirawa*".

As idealizações e exaltações desse modo de vida primitivo caras a Taylor, seus múltiplos exemplos concretos e suas referências científicas, despertam, é verdade, o entusiasmo, mas são, no fim das contas, decididamente discutíveis.

Possivelmente nesse tempo distante já tenha ocorrido certa evolução do ego, mas este, ainda latente, não vivenciara sua plena expressão e as suas consequências. Tribos primitivas ainda vivem num estado de compartilhamento místico, uma participação mística, como diz Levy-Bruhl, mas inconsciente.

Pesquisadores da área de genética indicam que há cerca de 60.000 anos houve uma notável redução no contingente populacional. Atualmente a análise do DNA das mitocôndrias (informações celulares transmitidas pela mãe à sua descendência) permite afirmar que apenas 5.000 homens sobreviveram.

Homens mais evoluídos, fugindo da Ásia, misturaram-se com populações que viveram nos vales do Oriente Médio. Então, houve um processo de fecundação cruzada. Assim, o homem inteligente, agressivo e voltado para automanutenção, transmitiu seus genes ao homem agrário, muito menos evoluído, que pouco se elevava da estreita relação com a natureza. Os sobreviventes foram forçados a buscar novos meios de vida: novas ferramentas foram inventadas, as relações sociais se tornaram mais complexas e os métodos de caça, mais eficientes. Antropólogos demonstram que a evolução humana deu um grande salto para frente. Houve também uma grande e súbita transformação das capacidades do cérebro humano – um acontecimento genético.

E assim Taylor inclina-se para o desejo atual de um retorno a essas formas idílicas de vida, se bem que ao mesmo tempo reconheça essa impossibilidade. Ele menciona em especial os aborígines da Austrália, que vivem em comunidades abertas sem leis nem punições, sem personalidades dirigentes nem determinações jurídicas de proibição, em que homens e mulheres se submetem aos ritos iniciáticos de modo equivalente. O autor esboça, de maneira impressionante, as devastações ali causadas pelos poderes coloniais, e como exterminaram tribos inteiras e destruíram sua cultura.

É mérito do autor nos sacudir com vigor para nos despertar de nosso sentimento de superioridade. Ele percebe acuradamente na sociedade ocidental a assinatura de um ego hipertrofiado e separado, obstáculo maior a toda tentativa de libertação da miséria e do sofrimento. Se o autor tivesse aprofundado ainda mais sua reflexão, talvez concordasse que a condição humana está "contaminada" e que as causas não estão apenas no plano social e psicológico. Taylor jamais se refere ao homem metafísico e metapsíquico!

Ele trata bastante da queda como fenômeno coletivo, mas não agrega a ideia de que ela afetou toda a ordem natural do mundo, sim, que ela é a origem mesma deste estado.

Seu esboço da psique *trans-fall* (a psique além da queda) também não é, segundo nossa opinião, convincente. Ele de fato reconhece que, mais tarde, a humanidade provou uma primeira efusão de forças espirituais, graças a guias iluminados, como Buda e Jesus, mas que ela não foi amplamente tocada em profundidade, exceto em grupos relativamente restritos, como os sufis, os gnósticos e místicos como mestre Eckhart e Jacob Boehme. Segundo Taylor, a humanidade será confrontada com uma segunda efusão, com uma nova consciência que só se tornará possível se ela conseguir inverter as consequências da explosão do ego.
A psique *trans-fall* é, segundo ele, a única possibilidade para evitar uma explosão mundial iminente. Para conter essa maré, um renascimento social e psicológico fazem-se necessários: "Definitivamente, a religião não funciona de fato, no sentido de que ela não é capaz de nos livrar de nosso sentimento de separação e de incompletude; ela apenas o compensa. Existe outro jeito de tratar esse problema: mediante a espiritualidade ou desenvolvimento espiritual. É importante não confundir espiritualidade com religião. No sentido estrito do termo, espiritualidade nada tem em comum com orações, livros santos, o céu, sacerdotes, nem mesmo com Deus (no sentido habitual desse termo). Tradições espirituais como o budismo, a yoga e o sufismo, dentre muitos outros, são sistemas de transformação. Seu único objetivo é curar nossa desarmonia psíquica e transcender nosso atual estado de sofrimento. Elas nos ensinam a nos liberar da desarmonia psicológica e a nos religar à força do Espírito. Em outras palavras, elas nos oferecem um método para curar definitivamente nossa desarmonia ao invés de simplesmente tratar os sintomas."(p 213 ss) Entretanto, esse renascimento não deve nos reconduzir para trás, ao tempo de um estado paradisíaco primitivo, embora possa haver certas analogias, mas ela deve nos conduzir ao estado de consciência original, do homem-espírito ainda não imerso no tempo. É um retorno... mas é, de fato, e sempre, um progresso. É possível que surja uma nova interdependência ecológica com o Todo, mas ela concerne sobretudo à ligação renovada da alma com seu núcleo espiritual ✪

Steve Taylor, *The Fall*. Winchester-Nova Iorque, 2010

E T E R N O A N S E I O



**"Todas as criaturas debaixo do sol têm sua origem no ser;
o ser tem sua origem no não-ser."**

Lao Tsé

salva-nos, que perecemos!

CINCO CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA NO TEMPLO DA ROSACRUZ

I

A Bíblia, no altar do templo da Rosacruz, está aberta no prólogo do Evangelho de João, que tem início com estas palavras: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

A história da humanidade pensante é marcada pela palavra. O uso da palavra a fim de exprimir pensamentos somente tornou-se possível quando o ser humano pôde dispor da capacidade de pensar. O animal não pensa e não conhece a palavra; ele não dispõe do éter refletor ou mental. A palavra é um poder, uma criação; ela contém uma força, uma carga que confere poder ou enfraquece. Uma palavra pode quebrar uma pessoa, pode fazê-la adoecer, animá-la ou curá-la. Algumas palavras são contundentes e ferem, são palavras carregadas de cinismo, afiadas e corrosivas como ácido sulfúrico. Conhecemos palavras que exprimem os mais elevados pensamentos e ideias, palavras que põem as massas em movimento e as impulsionam rumo a determinado objetivo.

Há palavras consoladoras, palavras amistosas, capazes de encorajar e levantar alguém, como também há palavras que lançam a alma para baixo, no lodaçal da existência. Além disso, existem as muitas palavras inúteis, pronunciadas ao vento, impensadamente, o redemoinho de palavras com as quais retemos uns aos outros no dia-a-dia. E então lemos no prólogo do Evangelho de João a tão mágica palavra: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus".

No princípio: antes que se falasse de uma criação, antes que se falasse de uma espécie de "Big Bang", antes – quer dizer, não no limite do tempo, não antes, nem depois; mas também não dentro dele, não dentro de um espaço: no atemporal. O *Verbo* não estava no que é limitado, estava no ilimitado, não havia sido pronunciado no espaço.

Nossa palavra, amigos, é uma forma, um sinal, ela cria um referencial e limita. Ela é colocada em um contexto, por meio do qual adquire seu significado e somente pode existir em relação a algo que ela limita, dá o colorido e determina.

A palavra viva, da qual nos fala João, a palavra que basta a si mesma, que tudo abrange e à qual todas as palavras se referem, assim como todos os números se referem ao número "um", não podemos compreender por meio de palavras. Nosso pensamento, que se expressa por meio de palavras, imagens e significados, não pode compreender e apreender o Verbo; ele é inadequado para abarcar o Verbo em sua *unidade*.

Por isso, tampouco podemos compreender por que a vida é como é, e somos obrigados a concluir que nosso pensamento é completamente "cego" em relação à palavra à qual o prólogo se refere.

Nosso pensamento corta e desfibra a unidade da palavra; ele parte do princípio e do fim, sendo o fim novamente o começo para mais uma palavra ou pensamento, igualmente especulativo e hipotético. Nosso pensamento



No plano temporal não há como perceber o começo e o fim do tempo

busca explicações para o porquê de processos, desenvolvimentos e perturbações que ocorrem constantemente. No entanto, com um fragmento, uma parte, não conseguiremos abarcar o todo. No plano temporal não há como perceber o começo e o fim do tempo. E assim também não há como explicar a doença, a adversidade, o êxito, a felicidade ou a tribulação: nós procuramos correlações, falamos de carma, damos um nome a algo, mas o que está fundamentalmente dividido, desmembrado, não pode nem abranger nem compreender a totalidade.

A vida é diferente do que o homem presunçoso, em sua cegueira, dispõe-se a admitir. O Verbo, que é alfa e ômega, não pode ser dividido por nós. O Verbo é a unidade que é Deus: eterna e de eternidade em eternidade. Queremos dizer com isso que explicações nos isolam da palavra eterna. Mas independente disso, ela fala em nós como força e vida, como motivação e elixir da vida, como espírito, como Espírito Santo.

A linguagem da sabedoria não dá explicações; portanto, não se dirige ao pensamento racional que opera de forma linear, horizontal. O Verbo, a linguagem da Gnosis, refere-se à força viva e ativa da palavra, que concerne a cada criatura, a cada ser humano no agora, no hoje vivente. Essa linguagem contraria as tantas explicações que constituem a fonte dos conflitos humanos: ela está para a outra como o vertical em relação ao horizontal, isto é: ela é perpendicular.

II

Quando nos sentimos chamados e tocados pela palavra viva, então convém trazer à memória o que a palavra da Rosacruz propõe e faz. Nosso pensar é como uma peneira: ele impõe limites. E, com isso, nos separa, nos afasta do ilimitado, daquilo que quer brotar no infinito como uma misteriosa flor, que desabrocha na noite do inexplicável e exala seu perfume; uma flor, uma rosa cujas cores místicas querem apresentar-se a nós setuplamente, numa mescla indizível de harmonia e pura radiação etérica.

Um fato sempre atual é que a palavra, a fonte da vida, é atacada pelo homem dividido. Ele a adapta a si para, assim, defender a própria separação e torná-la aceitável. Explicações são formuladas e contextos são construídos, o que precipita inúmeras pessoas no infortúnio, aprisionando-as num dogmatismo irracional, desatinado e cristalizante. Assim se rompe e mutila a unidade da palavra viva.

Um texto apócrifo sobre João descreve esse ato como "a perfuração da palavra, o sangue da palavra, o ferir a palavra, o sofrimento da palavra, a crucifixão da palavra, a morte da palavra". Nós, seres humanos exteriores, nascidos e criados no tempo e espaço, fenômenos que surgiram e novamente desaparecerão, sabemos que a criação divina, sua palavra pronunciada, é imperecível, incorruptível, verdadeira e bela. O homem também pertence a essa criação, mas trata-se do verdadeiro homem que respira na criação divina e é em Deus. Este homem é

chamado *Manas*, pensador. Ele se move simultaneamente com o movimento eterno da vida, na inspiração e expiração da vida divina; nela ele se eleva, torna-se consciente e consegue compreender o que não pode ser entendido pelo homem exterior, nascido da matéria: o mistério de sua verdadeira origem, da nova gênese humana!

III

"No princípio era o Verbo... e todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens." Essa "vida" é o mistério do vir-a-ser humano, da gênese humana, que não pode ser pronunciado nem explicado no exterior, pois ele fala no que está oculto e ilumina o ser humano latente. E, no entanto, ele se torna visível. Os escritores do Romantismo procuravam-no em um relâmpago, um piscar de olhos, inesperadamente, em um sorriso, um silêncio repentino, no "brilho da alma".
As ações e as atitudes dos seres humanos testemunham de sua alma, assim como também o sangue, que flui pelo sistema vital humano como uma corrente capaz de despertar para a verdadeira vida o que está morto. O que está "morto" é a consciência com sua compulsão de explicar tudo, e que pretende comprimir e forçar a vida a formas pré-estabelecidas, imagens concebidas pelo pensamento, temas, opiniões ou dogmas.
Se estamos abertos e seriamente empenhados em sondar a palavra viva da Gnosis, a palavra que dá a vida, não devemos nos aproximar dela e vivificá-la como algo passageiro, como todos os fenômenos sujeitos incessantemente à ação do tempo; não como algo que envelhece ou que está sujeito a estilo, tendências, juventude, velhice ou aos caprichos da moda.

Não devemos abordar essa palavra sagrada curadora como se fosse um estímulo intelectual, ou a uma sugestão, à qual poderíamos apelar ou debater infinitamente.
Em sua Epístola aos Hebreus, Paulo fornece uma clara descrição da palavra viva:
"Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir a alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas." (Hb 4:12-13)
A palavra de Deus é viva e forte. Ela está ativa em nós como energia alquímica; ela afasta o "morto", regenera o que está enfermo, endireita o que é falso, reforma e influencia o que é mortal dissolvendo nossas alucinações e ilusões. Toda a estrutura auto-afirmadora do ego é renovada na luz da verdade, sem acepção da pessoa, para obtermos autoconhecimento.
O Verbo, que é vida, irrompe, penetra no tempo. No entanto, a palavra é e age somente onde há uma alquimia pura e ativa.
O Verbo, a luz do mundo, manifesta-se para uma ressurreição ou uma queda. Ele se torna luz e vida no ser humano que age, que vive e está, segundo sua alma e sua consciência, na força e ordem da palavra.
Em sua grande obra, *Ética*, Espinosa escreve:

"Se a vida consiste em ações, e torna-se melhor na medida em que agimos da melhor forma, então a melhor das ações, que se distingue pela dignidade e firmeza, é a contemplação, isto é, a orientação da alma à Gnosis.
Ela nos proporciona a vida mais sublime e magnífica. E desejaria acrescentar: também a mais feliz. Porque essa orientação interior não retira alegrias turvas, falsas e inconsistentes das formas externas das coisas, como fazem os nossos sentidos. Não, ela possui em si mesma uma profusão de legitimidades verdadeiras e eternas,

causas de todas as coisas.
De forma pura e verdadeira, ela liga-se a tudo o que é puro, verdadeiro e constante, e essa é sua alegria. (...)
E o que, de longe, é o mais importante: uma vida que se mantém tão próxima de Deus transforma o ser humano na sua perfeita e viva imagem!"

IV

Amoroso – não amoroso; bonito – não bonito; bom – não bom; tolo – não tolo; brilhante – simplório; culpado – inocente; fraco – forte; preto – branco; esta ou aquela roupa – ou não; talentoso – medíocre; Deus – não Deus: tudo isso são qualificações do ego que, em si, é dividido. Nelas ele encontra sua identidade e autoafirmação. O homem rompe, e quebra, a palavra. Ele a mutila e tira o seu poder. O eu é mantido com esses farrapos e fragmentos. A palavra torna-se mera decoração, fina e achatada como um papelão, no qual a impressão já está descolorida.
O que podemos fazer?
É na maior simplicidade e modéstia que podemos começar a servir ao ser interior, que conhece a Palavra! A questão, então, seria esta: Podemos fazê-lo? Como?
Existe o ser humano exterior e perecível, e existe o ser humano interior, possivelmente ainda inativo, latente, uma imagem de olhos ainda mortos. E existe a palavra, que vem a nós e fala em nós.
No Verbo "a vida estava nele, e a vida era a luz dos homens"..., que brilha nas trevas. E o Evangelho prossegue: "Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Este veio como testemunha, para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz". Quem era esse homem? Trata-se de uma determinada pessoa? Ou trata-se, talvez, de você e de mim? Ele não era a luz, mas veio e foi chamado para dar testemunho da luz. Como ele fez isso? Com muitas palavras, explicações, ideias, opiniões, pensamentos? Com as fanfarras da vida ilusória na dialética? Não; mas mediante uma vida na alma eterna e com base na alma eterna. Testificando, portanto, da sua força ativa que produz milagres e atravessa a realidade da existência no espaço-tempo graças à sua poderosa força de radiação, da mesma forma que o sol nascente abrasa o ar com seu calor e dissipa a escuridão da noite. Não passará isso de uma ficção, um sonho, um ideal, uma irrealidade que rapidamente será desmascarada pela dura realidade?
Espinosa escreveu um breve livro intitulado *Tratado da Correção do Intelecto*. Ele recorreu a uma "reflexão insistente", segundo suas palavras, para examinar o que é mais proveitoso para o homem:
"Em verdade, tudo aquilo que o vulgo segue não só não traz nenhum remédio para a conservação de nosso ser, mas até o impede e frequentemente é causa de morte para aqueles que o possuem e sempre causa perecimento para os que são possuídos por isso."
A esse respeito, ele apresenta alguns exemplos: há inúmeros exemplos de pessoas "que, para conseguir a honra ou defendê-la, muitíssimo sofreram. Por último, há inúmeras pessoas que aceleraram a sua morte pelo excesso de concupiscência".
Espinosa continua investigando o que o desejo de coisas mundanas significa para a alma e chega à conclusão lógica de que "o amor por uma coisa eterna e infinita alimenta a alma de pura alegria, sem qualquer tristeza, o que se deve desejar bastante (anelo de salvação) e procurar com todas as forças. Entretanto, ainda que percebesse mentalmente essas coisas com bastante clareza, nem por isso podia desfazer-me de toda avareza, da busca por prazer e

É na maior simplicidade e modéstia que podemos começar a servir ao ser interior, que conhece a Palavra

glória. Apenas via que, enquanto a mente se ocupava com esses pensamentos (a clara orientação à Gnosis), afastava-se daqueles e refletia seriamente no novo empreendimento, o que me servia de grande consolo, pois percebia que aqueles males não eram de tal espécie que não cedessem aos remédios".

O que Espinosa chama de amor por algo eterno e infinito é a vida que não conhece a morte. Ela continuará sendo estranha ao nosso mundo, um fator de perturbação, ao qual se pode reagir de duas maneiras: negar e rejeitar, ou então, aceitar. Ambas as possibilidades nos conectam com as leis, condições e consequências que lhe são próprias. A vida dá a vida. Ela nos ensina a viver segundo o áureo e eterno critério do Único Bem, da mesma forma como Hermes nos ensina.

Em seu livro *Cartas*, Catharose de Petri responde à pergunta sobre a possiblidade de uma pessoa anelante poder acelerar o processo da mudança fundamental por meio de uma ou outra ação:

"Caro amigo, você usa um sobretudo, o sobretudo do seu antigo ser. O seu discipulado ainda está nesse sobretudo, e não no seu imo, no ser interior mais profundo. Esse sobretudo é um dos muitos véus entre você e a Gnosis. Nesse estado, a Gnosis continuará sendo um mistério para você, a não ser que o seu pensamento, sentimento, seu elemento volitivo e sua vida de ações estejam em plena consonância com o fogo que se inflamou em você. Então a força do Espírito Santo poderá fluir no seu santuário da cabeça. E no silêncio, o eterno, o onipresente, que está além do tempo, pode ser descoberto conscientemente. Quanto ao resto, não faça mais nada com a sua personalidade, a não ser orientar-se para a senda de libertação da alma, em reflexão diária, para concluir o processo iniciado".

V

Em um pequeno quadro de Rembrandt vê-se um barquinho numa tempestade, a mercê de furiosas ondas do mar e ameaçado de afundar. Todos a bordo estão em pânico, exceto uma pessoa que dorme tranquilamente na popa. Esse acontecimento é relatado nos diferentes evangelhos:

"Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram; E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia. Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos, que perecemos! Acudiu-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pouca fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e fez-se grande bonança". (Mt 8:23-26)

O barco é a sagrada arca, que navega pelo mar da vida. O aluno entrou a bordo e ali está seguro. Ele não tem nada a temer das violentas tempestades e movimentações que pertencem à vida na nossa natureza. Elas não irão atacá-lo muito profundamente se a alma eterna e oculta nele despertou para a vida. E se mesmo assim ele clamar pela alma, em situação de perigo e com medo, então soará: "Estou convosco, homens de pouca fé!" E Jesus estenderá sua mão e aplacará a tempestade ✪

E T E R N O A N S E I O



O céu é o lar onde aqueles que levam o corpo imperecível recebem as boas-vindas; a terra é a morada de corpos mortais. O terrestre é destituído de razão; o céu é conforme a razão divina. As harmonias do alto servem como fundamento do céu; as determinações da lei na terra são impostas a ela.

Hermes

pesado e considerado **demasiado leve?**

Em casa, depois de uma semana de viagem pela Turquia, ele ainda pensa no encontro que teve no anfiteatro de Aspendos localizado no interior verdejante próximo à costa sul de Anatolia. Depois de uma longa viagem pelo litoral florido, ele encontrou finalmente o velho e bem conservado anfiteatro. Através de um escuro corredor pode-se entrar na excelente construção. A bela arquitetura deixa uma profunda impressão: a sensação de se poder ouvir uma pena cair no chão...

O anfiteatro estava vazio, com exceção de cinco turcos, um dos quais subiu até a fileira de assentos mais elevados e se pôs a cantar com uma bela voz de barítono um pequeno fragmento de ópera. Outros dois também quiseram testar a acústica, primeiro murmurando e depois indo do pianíssimo até o fortíssimo. Nisso, mais um deles ganha coragem e começa a cantar suavemente uma doce melodia.
Devido à tranquilidade que o anfiteatro emana, desaparece a timidez. Uma voz responde à outra, e a ideia se define: "Um diálogo, um diálogo cantado!" E eles cantam alegres, num inglês fragmentado, e em seguida: "Em coro, cantemos em coro". E começam a cantar *Alegria, formosa centelha divina*, da nona sinfonia de Beethoven, e as vozes se amplificam, jubilantes. Dessa forma, a esplêndida acústica do teatro realça as palavras e a melodia.

Entretanto, um dos turcos, que havia desaparecido momentaneamente, retorna com um estojo de violino. De imediato, tira o violino e o oferece aos presentes. Ninguém aceita. Depois de alguma hesitação, o viajante dá a entender que está disposto a tentar.
Nesse momento, dentro dele passa como um filme, e uma voz lhe sussurra: "Este é o momento! Diante de 20.000 lugares... a gente se torna o herói de Aspendos..." Outra voz diz, no entanto: "Não, nada de blefes. Seja mais modesto... Afine o violino... Por que de repente você está cheio de cuidados?... Seu braço dolorido testemunhará de você, o herói..."
Ele começa a improvisar um pouco. Depois, sob os brados encorajadores dos amigos turcos continua com Bach, Mozart e Vivaldi.
E conforme o anfiteatro vai se enchendo de turistas, ele deixa-se levar e toca o violino cada vez mais forte e mais rápido, num ritmo frenético. Cada crescendo é seguido de um diminuendo, ao qual sucede um novo frenesi. Depois, gradualmente, a inspiração diminui e desaparece sob os aplausos.



Ah, ele não estava sozinho? Então diz um dos amigos turcos despreocupadamente: "Você me empresta o violino? Somente para tentar tocar algumas notas", diz o belo barítono, que mais tarde fica-se sabendo ser médico. "Naturalmente, claro... se eu soubesse..."
Lentamente o homem faz vibrar as cordas e toca introspectivamente uma simples melodia do folclore. "Você percebe o silêncio nestas notas?" Então, o espaço responde, e o supérfluo, o acessório, é tragado como num suspiro: "Não pare de ouvir: para baixo, para cima e para o seu interior." Após uma curta pausa, o viajante agradece aos turcos e, após calorosa despedida, segue seu caminho, profundamente tocado.
Ele retoma sua marcha sobre o caminho pedregoso entre as oliveiras, quando uma pequena serpente sibilante se insinua entre seus passos antes de desaparecer na folhagem.
Isso foi real ou um sonho? Retornando ao longo dessa costa agreste, o viajante pensa no que acaba de viver. Restou a sensação de ter sido tocado. Mas há algo nele que luta com a compreensão querendo despertar. A

Não pare de ouvir: para baixo, para cima e para o seu interior.



alma, como um "nada" de prata, confronta-se com o pretensioso orgulho, banhado em suor. O que acontecera ainda não havia sido incorporado à sua consciência. É o ultimo dia de férias. O ônibus para o aeroporto parte pouco depois da meia-noite. A chuva bate contra as janelas enquanto as palmeiras se retorcem sob os violentos golpes do vento noturno. Depois da decolagem, de manhã cedo, o avião desaparece roncando entre as espessas nuvens de chuva, totalmente sacudido. Espíritos irrequietos buscam a luz do dia.

E de repente, bem acima das nuvens, surge a luz do sol matinal que, com os seus raios, ilumina também seu coração inquieto. Num instante, ele compreende: não foi somente um teste da acústica do anfiteatro, mas também a pesagem de um homem. Considerado demasiado leve – ou demasiado pesado? ✪

todo movimento encontra o **repouso em buda**, o espírito do universo

A luz brilha como uma incontestável e eterna realidade em todas as suas manifestações infinitas. Ela é o espírito do universo, a natureza de Buda. Ela é a base de toda a existência – mesmo que a existência não seja consciente dela. Muitos olham para fora, procurando inúmeros relatos daqueles que se ligaram a ela interiormente. Seus testemunhos, alegres e consoladores, oferecem a perspectiva de uma nova realidade de vida. O estilo de vida budista é um processo intenso de purificação das atitudes, dos pensamentos e da fala. É autodesenvolvimento e autopurificação.

Este é o ensinamento de Buda: abandonar o mal, desenvolver o bem, limpar a mente. Paul Carus escreve em *O Evangelho de Buda*:

"Há bálsamo para o ferido e pão para o faminto.
Há água para o sedento e esperança para o desesperado.
Há luz para o que está na escuridão.
Há infinita bênção para o justo.
Curar sua dor, quando estiver doente.
Comer até saciar-se, quando tiver fome.
Descansar quando estiver cansado.
E quando estiver com sede, saciar sua sede.
Olhar para a luz quando estiver sentado na escuridão.
E ser preenchido por alegria.
As trevas do erro são afastadas pela luz da verdade.
Podemos ver nosso caminho e nossos passos podem ser certos.
Buda revelou a verdade.
Essa verdade nos fortalece."

O budismo fala de três tesouros, ou três joias, que são o refúgio para os budistas. Eles formam a base desse ensinamento extraordinário. Eles são denominados buda, dharma e sangha. O Buda é o iluminado. Buda pode indicar um personagem histórico e também o anseio ao potencial espiritual mais elevado presente em todas as pessoas. O dharma é o ensinamento do buda, o caminho de libertação que conduz à salvação. Essa é "a doutrina libertadora que leva além da sabedoria", ao Nirvana. A terceira joia é encontrada no conceito de sangha, onde a comunidade é fundamental como condição para a libertação. Sangha é a comunidade, no sentido da relação com nossos semelhantes.

O SANGHA Quase todas as grandes religiões apresentam de maneiras diferentes a complexidade da existência humana e sua conexão com um outro mundo, que não conhecemos, mas

▶ Continua na página 33

IMPRESSÕES DE UM SIMPÓSIO ESPECIAL EM RENOVA



E T E R N O A N S E I O



Abre-te, ó terra! Que as águas do céu abram suas comportas ao ouvir minha voz! Permanecei imóveis, ó árvores! Porque quero cantar louvor ao Senhor da criação, ao Todo e ao Uno! Abri-vos, ó céus! Silenciai, ó ventos! A fim de que o ciclo imortal de Deus possa ouvir a minha palavra.

Porque vou cantar o louvor daquele que criou o Todo, que indicou à terra seu lugar e estabeleceu o céu; que ordenou à água doce que saísse do oceano e se estendesse sobre a terra habitada e desabitada, a serviço da existência e da continuação da vida de todos os homens; que ordenou ao fogo que ardesse para todo o fim que deuses e homens quiserem dar-lhe. Que todos nós, em conjunto, louvemos a ele que está acima de todos os céus, o criador da inteira natureza. Ele que é o olho do Espírito; a ele seja o louvor de todas as forças.

Ó vós, forças que estais em mim; cantai o louvor do Uno e do Todo; cantai conforme a minha vontade, ó vós, forças que estais em mim. Gnosis, ó sagrado conhecimento de Deus, iluminado por ti, é-me dado cantar à luz do saber e regozijar-me no júbilo da alma-espírito.

Canto de louvor de Hermes

sobre o qual os mestres nos falam. O mundo do reino de Deus, o outro reino, que não podemos ver com nossos olhos, vive em cada ser humano como um princípio. Também podemos aprender com os ensinamentos de diversas sabedorias. Partindo dessas esferas os enviados se aproximam dos seres humanos.

Esses mestres podem fazer isso porque são seres humanos, ou seres que se tornaram humanos. Certamente temos gratidão por seus ensinamentos e pela profundidade com que seus textos nos tocam, revelando a existência de outro mundo e indicando as condições para nos aproximarmos dele.

Sidarta Gautama não faz assim; ele começa no que está no mundo material. O que é para ele, nesta natureza decaída, a origem da nossa existência? Toda a vida neste mundo físico é uma limitação, um sofrimento, um medo e uma preocupação. O príncipe Sidarta entende que toda a vida é feita de sofrimento.

Quem sofre ganha experiência e quem tem experiência, sofre. O conjunto desta natureza é uma miséria ígnea, e tudo o que vive, de fato, queima. Este é um dado fascinante: todo ser humano sofre, embora ele não queira! Todo ser humano busca a felicidade, embora a verdadeira felicidade não exista!

O que existe é o sofrimento, e esse sofrimento é a nossa realidade. Como isso é possível? Bem, porque os que não sofrem, não vivem conscientes. Então, ficam à deriva com algumas ideias ilusórias. Queremos desfrutar nossas vidas, e esse desfrutar nos deixa cada vez mais apáticos. Todos fogem do próprio sofrimento e cuidam tão incrivelmente bem do sofrimento dos outros, dos homens, dos animais, das plantas...

Segundo Buda, o esforço para libertação e iluminação só é possivel quando se busca a libertação de todos os seres que sofrem.

O caminho mais curto para a vitória sobre o sofrimento é abraçar o sofrimento, uma aceitação geral, por mais paradoxal que isso possa parecer. Como seres humanos, temos uma grande responsabilidade na vida: precisamos carregar o outro e, se necessário, sofrer com ele. E, dessa forma, aprendemos sobre o homem e sua real relação com o cosmo, e nos tornamos mais conscientes.

Isso nos leva a um princípio simples: o sofrimento tem um sentido, ou ainda, o sofrimento é o sentido da existência. Porque, afinal, é pela compreensão do sofrimento que surge a libertação. Você tem coragem de assumir as consequências dessa afirmação?

Como explicar que o sofrimento é o sentido da existência se as plantas, os animais e os seres humanos nada fazem além de ansiar por alimento, luz solar, moradia e segurança? Bem, esse anseio, esse desejo, é que traz a consciência. O desejo vai do amor às pessoas que estão à nossa volta ao amor pela beleza, ou seja, ao amor em círculos sempre mais amplos, até culminar em formas cada vez menos concretas.

Esse conhecimento traz também a consciência de um amor permanente, consciência que



... então você desperta e entra no estado de repouso em Buda, a luz do universo...

significa que o homem nesta natureza quer tudo para si, sempre de modo parcial. E isso causa sofrimento. Esse sofrimento é parte de todos neste mundo, o sacrifício que cada um carrega consigo.
"O ser inteiro arde em chamas." Quem sofre, vive. Quem está consciente, sofre, conecta-se com o grande, porém vive com as limitações da matéria. Um passo além é o "sofrimento perfeito". O sofrimento perfeito é a compaixão por todos os seres vivos, e essa compaixão é uma escolha consciente. Buda sofreu em todos os seres. Cristo sofreu o maior sofrimento, e ele é a vida!
Daí o paradoxo evidente: uma profunda compaixão substitui o sofrimento.
Imaginemos Sidarta com a mente limpa, esse homem único, um príncipe. E vamos imaginar então: eu sou Sidarta, o eterno.
Como um relâmpago o caminho surge, como uma forma de compreensão, como um diamante de oito faces iluminado, isento de desigualdade e sofrimento. A solução do problema está à sua frente: o buda, o dharma, o sangha. Eles são a luz que unifica o todo, a palavra do ensinamento e a unidade de grupo.
E você dirá:
"Todos os seres são budas desde o primeiro início."
Compaixão é o sentido do sofrimento. Ela é a unidade universal da vida, como o sofrimento é a separação universal do todo em partes.
Na compaixão, a luz nos preenche completamente e o Nirvana transborda inteiramente em nós.
E você dirá novamente:
"Por mais numerosos que sejam os seres humanos, irei salvá-los. Eu prometo salvar a todos.
Por mais insondavelmente profundas que sejam as causas do sofrimento, eu prometo removê-las inteiramente.
Por mais incontáveis que sejam os falsos portais, eu prometo fazer deles verdadeiros portais e neles adentrar.
Por mais infinito que seja o caminho do despertar, mesmo assim vou segui-lo."

Quão longe se pode chegar? A essência do budismo é que não há distinção entre o Buda e o "si mesmo" eterno que está escondido no fundo do coração. Se trilharmos o caminho, silenciando nossa personalidade, a verdadeira natureza de buda se refletirá em nós. Então, poderemos compreender o sentido de "todos os seres são budas desde o início", ou, como o patriarca chinês Hui-Neng diz: "Uma visão correta é chamada de transcendente,



O grande santuário Borobudur em Java foi construído no século VIII, de acordo com normas budistas do ritual Karmavibhanga (ou equilíbrio entre causa e efeito). Ele mostra ao mundo, de maneira única, a vida de Buda e o sétuplo caminho de salvação e libertação. Na construção altamente estruturada do templo, com painéis esculpidos em baixo-relevo, vemos inúmeras representações do bem e do mal, da lei do carma, da vivência de experiências ao trilhar o caminho, dos quatro estágios da meditação, do desapego da turbulência e do caos da vida mundana e da entrada nos mundos puros de bodhi (iluminação), os andares superiores desse sétuplo complexo de templos.

uma visão errada é dialética. No entanto, se toda visão for omitida, aparece a essência de buda".

O que Sidarta disse 2.600 anos atrás ressoa ainda através de vós: "Por mais numerosos que sejam os seres humanos, irei salvá-los. Eu prometo salvar a todos." Nesse sentido, os ensinamentos de Buda são um presente que recebemos, mas, enquanto não o realizamos em nós mesmos, não o percebemos e não o colocamos em prática em nossas vidas, esse dom não pode nos ajudar. Quem entra nesse caminho desmistifica seu próprio destino e é capaz de resolver o destino dos outros. Então você está salvo, porque pode salvar outros. Então você acorda, e entra no repouso em Buda, a luz do universo.

Assim, descobrimos que nossos três tesouros foram entregues, as três jóias. O buda, o espírito do universo, aquele que em nós ilumina a consciência pessoal superior, da qual todos somos essência. O dharma, o caminho que nos liberta do mundo das aparências e ilusões, e que ao mesmo tempo não é um caminho, mas uma sabedoria que vai além de toda sabedoria.

E para finalizar, o sangha, a unidade de grupo, a compaixão com todos os seres vivos, a ponte para uma nova realidade de vida.

Buda disse o seguinte, pensando em sua iluminação:

"Procurando o construtor dessa cabana, passei em vão vários ciclos de nascimentos, e o nascimento é sempre cheio de sofrimento. Mas agora, como construtor da cabana, você foi reconhecido, você não vai deixar que tudo se repita, pois toda a estrutura está quebrada, as colunas estão rachadas. Livre, liberto de todos os laços, o espírito volta para onde já não há desejos" ✪



o iluminismo rosa-cruz

FRANCES A. YATES

Qual é a particularidade do período em torno dos anos 1600 na Europa sob a luz da história dos rosa-cruzes? Os famosos manifestos publicados de 1604 a 1616 simplesmente caíram do céu? Frances A. Yates, em seu livro *The Rosicrucian Enlightenment* (O iluminismo rosa-cruz) (1973), descreve uma história fascinante de um nascimento que provocou controvérsias.

Frances A. Yates descreve em *The rosicrucian enlightenment* um período da história europeia do século 17 que caiu no esquecimento, mas que teve um papel muito importante no ideário hermético e rosa-cruz. Quão importante foi esse período e como ele desapareceu da história é algo que, aos poucos, fica evidente para o leitor. O grande mérito de Yates é trazer à tona a história da tradição esotérica ocidental e seu papel no nascimento da Ciência e da Medicina modernas. Mais do que um livro de História, seu livro também pode ser lido como uma não-ficção empolgante.

A esse respeito ela diz na introdução: "O fato que desapareceu da História foi que a cultura rosa-cruz e os manifestos rosa-cruzes estavam relacionados a esse episódio, e os movimentos nos quais John Dee anteriormente exercera um papel na Boêmia estavam na base destes manifestos. Também foi esquecido que o curto período de governo de Frederico e Isabel foi uma época de ouro para o hermetismo, propagado por um grupo sob a direção de Michael Maier, grupo esse que praticava a alquimia e atribuía grande significado à *Monas Hieroglifica* de Dee. Esperamos que a reprodução exata do ideário europeu desse período da História possa tirar esse tema do obscuro ocultismo e fazer dele um campo científico legítimo e importante."

Vamos esboçar um quadro do ano de 1600. É o início da época de ouro nos Países Baixos, com os grandes pintores e inventores. As transformações religiosas estão em pleno curso. Depois do Iconoclasmo de 1555, começou, em 1568, a guerra de 80 anos contra a Espanha. Na Inglaterra, em 1600, a Renascença está em seu glorioso apogeu. Shakespeare ainda vive, suas peças são representadas na corte; o cientista e ocultista John Dee (falecido em 1608) exerce grande influência sobre a rainha. Elizabeth I (falecida em 1603) apoia a Europa contra os agressivos Habsburgos, ligados à contrarreforma católica. Muito interessada pela ciência, ela também dá suporte a seus praticantes mediante uma contribuição anual. Durante seu governo, a Renascença inglesa tem seu ponto alto. Ela resiste aos espanhóis e, com isso, também

Praga era um cadinho de concepções religiosas, uma cidade empolgante, aberta para os novos desenvolvimentos

à influência católica, e a Invencível Armada naufragará na costa inglesa. Ela estabelece alianças com protestantes holandeses, alemães e franceses. Na França, Henrique IV apoia os huguenotes, mas o rei é morto em 1610. Em Veneza, a oposição à supremacia de Roma predomina e procura-se aproximar-se dos ingleses. No sul da Itália, Campanella lidera um levante contra os ocupantes espanhóis. Em Praga, o imperador Rodolfo II, grande pensador, opõe-se veementemente ao uso da violência contra os protestantes, apesar de ser descendente dos Habsburgos. No final de sua vida, ele institui a liberdade religiosa na Boêmia, o que leva à Guerra dos Trinta Anos em 1618.

Na sua corte, há um ir e vir de artistas, cientistas, alquimistas e músicos. Em suma, um espírito de iluminação perpassa a Europa – o berço para o iluminismo dos rosa-cruzes.

Nos dois primeiros capítulos de seu livro, Yates mostra pormenorizadamente como James I (sucessor de Elizabeth I) casa uma filha, a princesa Elizabeth Stuart, com Frederico V do Palatinado, neto de Guillaume d'Orange, cavaleiro da Ordem da Jarreteira e dirigente dos protestantes alemães.

O casamento, em 1613, em Londres, testemunha de um esplendor e uma pompa jamais vistos antes. "O Reno junta-se ao Tâmisa, a Alemanha é unificada com a Grã-Bretanha, das estrelas fluem harmonias sobre essas núpcias", consta das crônicas, e "todas as pessoas bem intencionadas sentem alegria e satisfação com esse casamento, que é como um sólido fundamento para a religião". Os cônjuges transferem-se para Heidelberg, porém antes têm uma recepção grandiosa em Den Haag, evento relatado minuciosamente.

Espera-se que James I apoie o genro na aliança protestante contra a Espanha. Mas James é contra tudo o que se pareça com ciências mágicas e faz tudo para aniquilá-las. Com isso também exerce uma influência inibidora sobre as aspirações de sua filha Elizabeth e seu marido. Ele não os ajuda.

Quando Rodolfo II, em 1583, transferiu sua corte para Praga, esta cidade tornou-se um vasto centro de alquimistas, astrólogos, pesquisadores das ciências mágicas, com suas bibliotecas e suas "câmaras de prodígios" com achados técnicos, mágico-científicos. Praga tornou-se o centro de referência para pessoas de toda a Europa que se interessava por estudos esotéricos e científicos. John Dee e Edward Kelly, Giordano Bruno e Johannes Kepler foram para lá. Judeus podiam prosseguir ali seus estudos cabalísticos sem ser perturbados. A da Boêmia, fundada por Johannes Hus, foi a primeira igreja reformada da Europa. A tolerância de Rodolfo estendia-se à Igreja da Boêmia, uma irmandade que interpretava as Escrituras de maneira mística. Na Europa Oriental, Praga foi, durante o reinado de Rodolfo, uma cidade totalmente influenciada pela Renascença. A cidade era um cadinho de pensadores, era misteriosa e



Editora Cultrix-Pensamento
ISBN8531503205

emocionante porque estava aberta para um novo desenvolvimento.

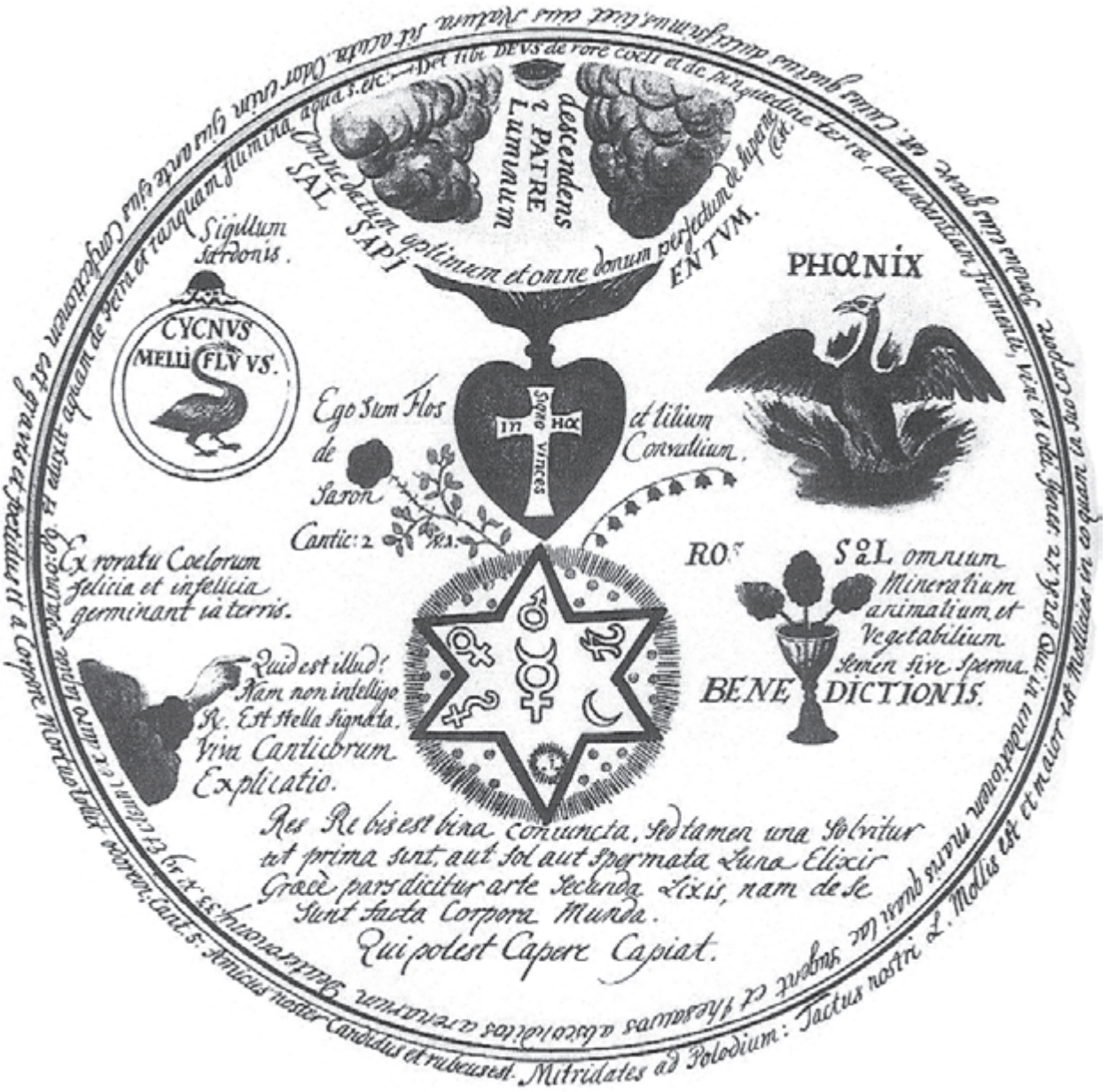
Quando, após a morte de Rodolfo, em 1612, o Habsburgo católico fanático, arquiduque Ferdinand von Stiermarken subiu ao trono e aboliu a liberdade religiosa, o povo da Boêmia revoltou-se e ofereceu a coroa a Frederico V. De 1619 a 1620 Frederico e Elizabeth foram os soberanos do Estado coroados pelos hussitas – partidários de Johannes Hus, porém apenas por um inverno (daí o nome de Rei do Inverno).

O duque católico da Baviera venceu o exército da Boêmia na batalha do Monte Branco. O palácio também foi ocupado e destruído. A grande Biblioteca Palatina foi transferida para Roma. A esse respeito diz Yates: "Uma cultura completa desapareceu, seus monumentos foram profanados ou aniquilados e seus livros e arquivos desapareceram. Os habitantes que conseguiram escapar tornaram-se fugitivos ou morreram pela violência, peste ou fome nos anos que se seguiram." E, como introdução ao capítulo 3, diz: "Agora vamos descobrir essa Renascença malograda, esse iluminismo prematuro ou essa alvorada mal compreendida dos rosa-cruzes.

Qual foi o ponto de partida desse movimento que levou aos manifestos rosa-cruzes o prenúncio da aurora de uma nova era de conhecimento e percepção? Uma resposta a essa pergunta deve ser procurada na esfera de influência dos movimentos em torno de Frederico do Palatinado e sua tentativa de obter a coroa da Boêmia."

Segue-se então uma descrição das circunstâncias da vida de Johann Valentim Andreæ, o autor dos manifestos rosa-cruzes. Frederico I, duque de Württemberg (falecido em 1608), era alquimista, ocultista e anglófilo. Em 1603 ele recebeu na capital, Stuttgart, de um enviado especial de James I, a insígnia da Ordem da Jarreteira. Yates escreve a esse respeito: "A visita do enviado da Ordem da Jarreteira e dos atores que o acompanhavam deve ter sido um acontecimento emocionante para Johann Valentim Andreæ, um jovem estudante de Tübingen com uma grande capacidade de imaginação. Suas *Núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, de 1616, são ricas em cerimônias faustosas e festas de determinada fraternidade ou fraternidades e contêm fragmentos de peças de teatro fascinantes. Como expressão artística elas se tornam mais compreensíveis se as considerarmos consequência de influências inglesas sobre Andreæ. Tanto do ponto de vista do espetáculo como do cerimonial, elas constituem uma inspiração para uma obra de arte nova e original".

A respeito do papel de John Dee, que, como homem instruído, em sua viagem pela Alemanha, despertou uma forte impressão, Yates diz: "Não há dúvida, portanto, que é preciso ver o movimento por trás das três publicações dos rosa-cruzes como, em última análise, procedente de John Dee.



Este desenho contemporâneo é um compêndio das ideias dos rosa-cruzes do século 17

O ideário de Dee, tendo passado pelas relações do príncipe-eleitor do Palatinado com a Inglaterra, pode ter chegado à Alemanha e daí se propagado a partir da Boêmia. [...] A ideia de que o movimento da Rosa-cruz na Alemanha possa ser o resultado tardio da missão de Dee na Bohemia vinte anos depois é empolgante".

Após a publicação do livro de Yates (1973), e em 40 anos de pesquisa dirigida por cientistas internacionais das mais diversas especialidades, tornou-se claro que essa afirmação não era sustentável. Apesar de a *Monas Hieroglyphica* representar um fenômeno muito interessante e importante, pode-se dizer com certeza que os manifestos tiveram origem no círculo de Tobias Hess, Christoph Besold e Johann Valentim Andreæ. Em um círculo de espíritos unidos por suas afinidades, uma "Liga do Amor" não contando com mais que sete homens e inflamado pelo espírito de Tobias Hess, surgiu a *Fama Fraternitatis* partindo

da ideia de uma comunidade da rosa, superior ao movimento dos opostos terrestres, uma sociedade de amor-caridade bem compreendido, de um altruísmo empregado de maneira inteligente e universal. Esse círculo tornou visível e ativa na Europa uma nova energia espiritual: a concretização daquilo que era a intenção central da Reforma. Dessa concretização originou-se algo maior: uma paternidade espiritual, um ser denominado Christian Rosenkreuz. Um impulso do mundo espiritual torna-se carne e sangue.
Nessa esfera de amizade, anelo, observação e busca espiritual, a Luz torna, por assim dizer, a nascer outra vez. Após essa digressão voltemos ao excelente livro de Yates. A respeito da aventura em que Frederico se tornou rei do Palatinado da Boêmia, lemos: "Os anos de 1614 a 1619 foram de grande celeuma sobre os manifestos rosa-cruzes.
E essa aventura não era apenas dirigida politicamente contra o poder dos Habsburgos. Era a expressão de um movimento religioso que ganhara força ao longo de muitos anos, crescera baseado em influências misteriosas que circulavam na Europa. Era um movimento que se orientava para a solução de problemas religiosos seguindo uma linha mística originária de influências herméticas e cabalísticas". Nos capítulos 4 e 5 são comentados os manifestos e é relatado que com a *Confessio Fraternitatis* foi publicada a *Consideratio brevis* de Philip a Gabella, a qual é baseada na *Monas Hieroglyphica* de Dee, nos misteriosos sinais e suas partes, no triângulo, bem como na cruz. Esse texto surge como parte dos manifestos: de acordo com Yates, mais um sinal de que os manifestos são inspirados em Dee. Então Yates proporciona ao leitor um capítulo interessante sobre contatos de Andreæ com Robert Fludd e Michael Maier e seus comentários sobre os manifestos. Também na França, Inglaterra e Itália os manifestos causam agitação (capítulos 8 e 10). Boccalini (falecido em 1603) escreveu uma sátira da qual foi introduzido na *Fama Fraternitatis* o seguinte fragmento que deixa claro ter havido também contatos com Veneza: "O pavoroso ódio e inveja que reinam atualmente nas pessoas levaram nossa época a uma grande desordem. Todo auxílio contra essas influências virá, como se espera, por meio de uma grande afluência de amor, afeto mútuo e amor ao próximo, o que, enfim, é a dádiva mais importante de Deus. Por isso devemos, com todo o tato que em nós existe, eliminar as causas desse ódio que, nestes dias, reina no coração do ser humano".
Houve outro contato com Campanella. Ele escreveu na prisão, após o malogrado levante contra os ocupantes espanhóis, *A cidade do Sol*, a descrição de uma cidade ideal onde os sacerdotes põem em prática o ideário hermético e regem a cidade. O manuscrito foi levado por seus discípulos alemães para Andreæ na Alemanha, e ele também escreveu

▶ Continua na página 43

E T E R N O A N S E I O



"Concentre-se no céu, e a terra lhe será dada. Concentre-se na terra e você vai perder ambos. Porque só o amor que é do céu vence. Só o amor salva. Quando o céu quer proteger um homem, enche seu coração com amor."

C.S. Lewis

posteriormente um livro sobre utopia, *Christianopolis*.

No capítulo 11, Yates trata dos possíveis motivos de Andreæ para afastar-se (publicamente) da Fraternidade da Rosa-cruz: "Não há dúvida de que Andreæ se preocupava seriamente com a forma como evoluía, desde 1617, a agitação a respeito dos rosa-cruzes. Porque entreviu que ela era prejudicial para a causa a que queria servir, ele tentou restringir e canalizar a forte corrente". Andreæ escreve no prefácio de *Christianopolis*: "Pessoas com um espírito ardente conclamaram a uma tomada de consciência, à propagação de um novo derramamento do Espírito de Cristo nesta época. Uma determinada irmandade prometeu isso, mas, em vez disso, deu-se a maior desordem entre os homens". Ele constituiu então a *Societas Christiana*, provavelmente com o mesmo objetivo e outro nome.

Seguem-se ainda no livro de Yates capítulos sobre Comenius, Ashmole, Newton e a Alquimia da Rosa-cruz, bem como o exame das relações entre Rosa-cruz e Maçonaria. Yates cita a primeira referência impressa em 1676: "Comunicamos que os modernos *cabal-ministers*, os quais portam a fita verde (cinco influentes ministros da época de Carlos II), propõem-se, com a antiga Irmandade da Rosa-cruz, a servir os adeptos herméticos e a sociedade da renomada Maçonaria em 31 de novembro próximo..."

O livro se encerra com o capítulo chamado "O iluminismo da Rosa-cruz". É uma síntese dos estudos da autora. Sua conclusão diz: "É de se esperar que este tema complexo e rico do entusiasmo alemão seja agora objeto de consideração séria como uma fase importante da História europeia. O mais notável é, porém, a ênfase que a Rosa-cruz dá ao iluminismo iminente indicado no título deste livro. Ao mundo, que se aproxima do fim, está reservado um novo iluminismo pelo qual o progresso do conhecimento, realizado no decorrer da era que precedeu a Renascença, vai se propagar enormemente. Serão feitas novas descobertas e uma nova época vai irromper. E esse iluminismo reluz tanto para o interior como para o exterior. É uma iluminação espiritual interior que desvela para o homem uma nova possibilidade interior e faz que ele compreenda sua dignidade, seu valor e o papel que deve assumir no plano divino". E ela finaliza com uma citação da *Via Lucis* "também denominada *Fama de Comenius*", que pode servir como moto para as duas iluminações: "Quando uma luz da sabedoria universal pode ser acesa, ela pode propagar seus raios sobre todo o espectro do entendimento humano (assim como a luz solar se estende desde a aurora até o pôr do sol) e poderá despertar alegria no coração dos homens e transformar a orientação de sua vontade. Ora, quando, nesta luz clara e radiante, eles virem nitidamente diante de si seu próprio destino e o destino do mundo e aprenderem como devem utilizar os recursos que conduzem infalivelmente para o bem, por que, então, não o fariam?" ✪

frances amelia **yates**

Pelo fato de seu pai ser engenheiro naval e ser necessário mudar regularmente de uma cidade portuária para outra, Frances Yates (1899-1981) teve uma infância bastante isolada e frequentou a escola com irregularidade. Era sua mãe quem lhe ministrava aulas diariamente ao passo que suas irmãs lhe proporcionavam a leitura... com Shakespeare. Assim cresceu nela o amor por esse embaixador da literatura inglesa. Mais tarde foi a Renascença que a fascinou pelo resto de sua vida.

A Primeira Guerra Mundial influenciou Frances profundamente. Seu irmão mais velho faleceu no *front* em 1915. Esse acontecimento perseguiu-a pela vida inteira e levou-a a tentar encontrar uma explicação para as terríveis guerras religiosas dos séculos 16 e 17.

Em Londres, estudou francês e literatura francesa, porém seus dois primeiros livros, publicados em 1930, tratavam ambos de Shakespeare.

Nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial ela esteve na ativa como motorista de um veículo de resgate. Com o convite para assumir o lugar de assistente de pesquisa no Instituto Warburg, em Londres, ela teve acesso a uma grande biblioteca. A coleção Warburg, de 60.000 livros, reunida por Aby Warburg (1866-1929), foi levada por seus descendentes para Londres para que não caísse nas mãos dos nazistas. A coleção foi recebida ali de braços abertos e colocada em lugar adequado. Nessa atmosfera, Frances Yates pesquisou o conhecimento hermético e publicou-o com base científica. Até seu 80º ano de vida ela promovia um seminário por semana no edifício da Praça Woburn, em Londres. Quando um estudante concluía sua apresentação, seguia-se uma discussão. Isso significava, acima de tudo, que se ouvia a voz suave de Lady Frances que levantava todas as hipóteses possíveis ou apresentava questões quase impossíveis de responder. Parecia que estas ficavam no ar para serem respondidas às vezes anos mais tarde. Esse era seu "método". Por sua experiência de vida e erudição, ela pertencia à tradição de pensadores independentes cujas opiniões de modo algum ficaram estagnadas. Um grande anelo por evolução e realização espiritual marcou-a dando-lhe a possibilidade de analisar a tradição hermética e o papel de Giordano Bruno, por exemplo. Ela teve, por assim dizer, sua apresentação como cientista em 1964 com a publicação de *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Ela via Bruno como um mago que procurava um vínculo tanto entre o homem e o mundo como entre o mundo e o cosmo mediante o programa de uma reforma moral com fundamento esotérico. À Renascença pertencem disciplinas como astrologia, cabala e alquimia, designadas hoje ciências ocultas pelo pensamento científico. O livro sobre Bruno foi seguido, dois anos mais tarde, pela publicação de *The Art of Memory*, um estudo sobre a arte medieval do aprendizado obtido pela memorização. Ela descreve de maneira muito interessante quais as transformações provocadas por essa capacidade na Renascença, especialmente com relação ao teatro. Os antigos métodos de aprendizado por memorização até já se haviam tornado desnecessários, mas Bacon, Descartes, Comenius e Leibniz ainda o utilizavam.

Frances Yates segue essa linha sem se preocupar com a reação da ciência a seu trabalho. Em 1969 escreve seu livro *Theatre of the World*. Nesse livro ela se concentra em John Dee e Robert Fludd, que em 1600 eram os mais importantes representantes do hermetismo na Inglaterra. Ela se tornava cada vez mais consciente do conhecimento hermético na Renascença. No livro *The Rosicrucian Enlightenment*, publicado em 1973, ela examina a tradição hermética na Inglaterra de Elizabete I e na Europa central. Frances contava 18 anos de idade quando escreveu *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age*. Nesta obra ela reúne todo o conhecimento – publicado pela primeira vez – sobre as correntes espirituais secundárias de uma cultura que os cientistas só haviam considerado por meio de fenômenos perceptíveis e da literatura. Frances Yates estava fascinada com o fato de que, na época da guerra e dos protestos ideológicos em toda a Europa, distinguiram-se pessoas íntegras, eruditos, artistas e também políticos que, com o emprego de todo o saber e talento de que dispunham, procuravam um caminho para reconduzir seu mundo à paz e à tolerância. Ela estava convencida de que, por exemplo, Ficino, Picco della Mirandola e seus numerosos seguidores nos séculos 16 e 17 não eram acima de tudo humanistas ou filósofos, porém magos. Sua designação *renaissance magus* (mago da renascença) refere-se ao tipo humano que é o precursor direto do cientista do século 17. Em uma retrospectiva no *Sunday Times*, ela foi descrita como uma "amadora, no sentido literal da palavra, que criou sua própria disciplina científica [...], mas uma amadora que combinava o entusiasmo com um ponto de referência profissional exigente".

"Frances Yates", assim conclui o redator, "foi a historiadora de maior vivacidade que já conheci." Como reconhecimento por seus 12 livros, numerosos artigos e outras publicações, foi-lhe concedida, em 1977, *The Order of the British Empire,* sendo-lhe então permitido colocar Lady precedendo seu nome.

Fontes:

JONES, MARJORIE *Frances Yates and the Hermetic Tradition*. USA: Ibis Press. 2008

BACHRACH, A. G. H. *Herdenking van Frances Amelia Yates*, Amsterdã: KNAW, no anuário 1981-1982

VAN DORSTEN, J. A. "Dame Frances Yates overladen", artigo em jornal, setembro de 1981

A Pentagrama Publicações apresenta **os novos lançamentos para 2013**

A Rosa e a Cabala



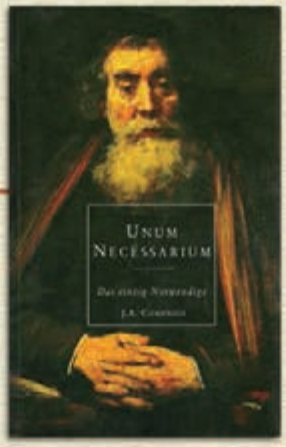
de Benita Kleiberg, volume 10 da série Cristal. Na tradição judaica fala-se de duas rosas: uma de duas cores e 13 pétalas e outra, a rosa primordial, incolor. E mediante O livro de Ester (a história da rosa), é visto o caminho de desenvolvimento da alma humano no plano físico.

O novo caduceu



de J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri. O volume 5 da série Apocalipse da Nova Era, que trata do novo caduceu, símbolo do sistema da coluna vertebral tendo em sua base o plexo sacral e no seu topo, o santuário da cabeça.

O único necessário



de J.A. Comênio.
Dois anos antes de sua morte, em 1668, J. A. Comênio, um dos grandes espíritos da humanidade, entregou ao mundo esse "testamento" espiritual, compêndio de sua sabedoria.

Chamados pelo coração do mundo



de Peter Huijs.
É um relato sobre o desenvolvimento da Escola da Rosacruz Áurea, desde os movimentos precursores do século 19, até os dias de hoje. Esta Escola de iniciação moderna está dedicada à libertação da vida superior da alma humana.

O triunfo da Gnosis universal



A primeira parte descreve o encontro entre o último patriarca da Fraternidade dos Cátaros, com os fundadores da Rosacruz moderna e o efeito desse encontro das duas correntes espirituais. A segunda parte é uma antologia de textos inéditos de Antonin Gadal.

Pentagrama

Pentagrama Publicações | Caixa Postal 39 - 13240-970 | Jarinu | SP | Brasil | www.pentagrama.org.br | Tel 11 4016.1817 | fax 4016-3405

Logo após a conclusão do quadro de Rembrandt “Cristo no Mar da Galileia” ficava se impressionado pela contraposição das sensações e dos efeitos de luz e trevas. Na realidade trata se de uma obra impo nente, mas existe ainda um sentido mais profundo. Porque quando as tormentas se intensificam, como sentimos nitidamente em nossa sociedade, pessoas que estão sintonizadas com a harmonia da supra natureza e dispõem de uma energia anímica que irradia tranquili dade – muitas vezes designada como “radiação de Cristo” – podem representar um fator importante na comunidade humana, fator que pode levar muitos a se voltar para o Bem.



ISSN 1677-2253
9 771677 225003
R$ 16,00